

Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930)¹

An itinerant intellectual: Floriano de Lemos in the São Paulo backlands (1926-1930)

Raquel Discini de Campos*

RESUMO

O artigo analisa a atuação do médico carioca Floriano de Lemos na região Noroeste Paulista, também conhecida como Alta Araraquarense ou Novo Oeste Paulista, na década de 1920. Procura relacionar as suas ações na esfera pública, particularmente seus escritos na imprensa regional, ao processo de transformação capitalista ocorrido naquela parte do estado no período. Ao mesmo tempo, busca situá-lo como personagem possuidor de trajetória emblemática a uma geração de intelectuais que intencionou mapear, analisar e organizar discursivamente o interior do país nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Floriano de Lemos; sertão paulista; intelectuais.

ABSTRACT

This article analyzes the actions of Floriano de Lemos, a physician from Rio de Janeiro state in the Northwest region of São Paulo state in the 1920's, an area also known as *Alta Araraquarense*, or *Novo Oeste Paulista*. Its objective is to link his actions in the public sphere, specifically texts he published in the regional press, to the process of capitalist transformation which was occurring there at that time. In addition, it is intended to situate him as a person with an emblematic trajectory for a generation of intellectuals whose intentions were to map, analyze and organize the backlands of the country in the first decades in the twentieth century.

Keywords: Floriano de Lemos; São Paulo backlands; intellectuals.

A DÉCADA DE 1920 NO SERTÃO PAULISTA

Ao observar o desenvolvimento das zonas pioneiras do estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, sobretudo o intrincado processo de incremento capitalista da região conhecida como Alta Araraquarense, onde se destacavam, a partir da cidade de Araraquara, os municípios de Matão,

* Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica – Departamento de História. Av. João Naves de Návila, 2121 – Santa Mônica. 38408-100 Uberlândia – MG – Brasil. raqueldiscini@uol.com.br

Catanduva, São José do Rio Preto e Mirassol, o geógrafo Pierre Monbeig² afirmava estudar uma sociedade em movimento de difícil apreensão. Uma região instável, onde as florestas, cada vez mais raras, ainda se misturavam às culturas e pastagens que passavam a compor o cenário dominante.

Justamente em função de tal dinamismo, o autor fazia referência às dificuldades encontradas no trabalho com as estatísticas oficiais relativas a esse lugar. Nas décadas de 1920 e 1930 era muito comum, por exemplo, os pequenos municípios que gravitavam ao redor das cidades mais importantes mudarem de nome, e o governo do estado criar, fundir, ou mesmo suprimir distritos de paz, vilarejos, cidades inteiras e até comarcas. “Tudo é alvoroço”, constatava Monbeig ao analisar o inexorável processo de mudança da paisagem natural em função da derrubada da floresta original e da formação de pequenos sítios, fazendas e cidades.

Era um “alvoroço” que também resultava da instabilidade populacional decorrente da constante circulação de pessoas. Migrantes chegavam e partiam em “trens apinhados” de fazendeiros prósperos ou decadentes, colonos estrangeiros, brasileiros e mais um sem-número de inéditos tipos urbanos e rurais que acabavam por se tornar distintivos de um tempo e de um espaço em franca mutação. Professores, grileiros, advogados, médicos e outros personagens se tornaram representativos de um território que se transformava radicalmente: todos figurantes de um *sertão* ao mesmo tempo real e imaginário e que se agigantava nas décadas de 1920 e 1930.³

Numa acepção que atende à noção geográfica sem fugir à etimologia da palavra, utiliza-se aqui o termo *sertão* como sinônimo de região isolada dos centros urbanos, espaço distante das povoações ou das terras cultivadas, conforme faziam os antigos colonizadores portugueses nos séculos XVI e XVII em referência às regiões afastadas do litoral, o *desertão*.⁴ Em termos simbólicos, o termo se coaduna às utilizações operadas pela historiografia paulista do início do século XX, que designava como *sertão* a parte oeste do estado de São Paulo, a qual, enquanto era mapeada por geógrafos, também se deixava ocupar por fazendas de café. Tal espaço, alegoricamente, se tornou sinônimo de uma região ainda pouco conhecida, selvagem, um terreno vazio não preenchido pela colonização.

Por necessidade econômica, desejo de enriquecimento rápido, possibilidade de reconstruir a vida ou até por algum acaso, curiosidade ou ilusão, milhares de pessoas foram atraídas para o *sertão* e para a *marcha para o novo oeste paulista*, designação pela qual ficou conhecido o processo de ocupação das terras não tão férteis quanto as que compunham o *velho oeste*. Neste último,

sem dúvida o símbolo icônico daqueles tempos e de outros era a cidade Ribeirão Preto, cuja alcunha de *Petit Paris* revelava, no início do século XX, as grandiosas pretensões cosmopolitas da elite local.⁵

O advogado e antropólogo autodidata Antonio Tavares de Almeida foi observador e participante ativo de tal processo. Em *Oeste Paulista: a experiência etnográfica e cultural*, ele narra, no ano de 1943, sem disfarçar um indefectível tom ufanista, característico dos paulistas de então, como o *novo oeste* se consubstanciava naqueles anos na “pátria de todos”, inclusive dos *velhos paulistas* que também acorriam para lá.

Observa-se, no trecho a seguir, o fato de que, na construção da simbologia de superioridade do estado em relação aos restantes da Federação – movimento tão sintomático no período quanto a ocupação das últimas fronteiras do estado – os próprios mineiros, os primeiros colonizadores da Alta Araraquarense, também são identificados como “bandeirantes de retorno”, ou seja, como heróis que voltavam ao seu solo original. Ao mesmo tempo, a “música dos machados das derrubadas” compunha a trilha sonora do irreversível processo civilizador em curso. Vejamos:

dos vários recantos do mundo acudiu gente para a inauguração da pátria de todos. Veio na frente, cautelosamente, o mineiro, bandeirante de retorno. Veio depois a baianada destemida. E começou a música dos machados das derrubadas. Arderam as piras das queimadas e para guardar o pudor da terra nua, em promessas generosas de colheitas, cobriram-na com o manto verde dos cafesais. Aqui e ali, se traçou a planta de uma vila que, ainda húmida da floresta, já era cidade.⁶

Naqueles tempos de desmatamento celebrado em nome do progresso, também nascia uma inédita rede de comunicações composta, sobretudo, por estradas de ferro e de rodagem que reativaram e multiplicaram antigas rotas de comunicação, antes só conhecidas por índios e sertanistas. Tais estradas colaboraram inexoravelmente para o verdadeiro moto-contínuo em que se transformava aquela sociedade em construção.

Para além dos trens, automóveis, ônibus e jardineiras que passaram a ligar muito mais facilmente lugares e pessoas pelas antigas e recentes estradas, também era notável a facilidade de comunicação gerada pela difusão inicialmente dos telégrafos e posteriormente dos telefones.

Não obstante, extrapolando de forma inequívoca e em diferentes graus de abrangência a comunicação propiciada por estradas, telefones e telégrafos, estava a proliferação dos jornais e revistas de todos os tipos e orientações ideo-

lógicas, os quais foram criados nas vilas e cidades da região. Tais veículos comunicativos buscavam, muito além de informar, acima de tudo *formar* os habitantes daquelas plagas. Tudo colaborou, definitivamente, para a emergência de um inédito estilo de vida em terras paulistas.

Os jornais, em especial os matutinos *A Notícia* (1924-1965) e *O Município* (1917-1930) – também eles meios em *movimento* por excelência na década de 1920, assim como as próprias fronteiras da Alta Araraquarense por onde circulavam –, transformaram-se nos veículos ideais para que os grupos letrados locais, em consonância com o que ocorria no restante do país, se tornassem espécies de *iluministas sertanejos* que buscavam “derramar as luzes” do conhecimento e da civilização sobre seus leitores.⁷

Utilizando-se diariamente daqueles impressos, tais grupos buscavam, portanto, não apenas ocupar o *sertão*, um espaço simbolicamente vazio dos signos do desenvolvimento capitalista, da educação e cultura – mas acima de tudo *civilizar* o restante da população conforme determinados cânones de progresso e modernidade compartilhados.

Temas caros aos intelectuais do período – como por exemplo a necessidade da difusão da alfabetização para todos; a imperiosa ascensão evolutiva do país rumo aos padrões europeus ou norte-americanos; o cultivo das ideologias de branqueamento e de nacionalismo num país miscigenado, o pacto com as certezas que emanavam do campo da ciência e o elogio da técnica, da razão e do higienismo – todos eles passavam, sem exceção, pelas primeiras páginas dos jornais do *novo oeste paulista*.

O excerto a seguir é representativo da crença no poder da imprensa na educação/civilização da população local:

Na vida intellectual como no processo material dos povos, a imprensa apparece como uma das mais poderosas alavancas para levantal-los ao nível da verdadeira civilisação. Na instrucção scientifica e literária como na educação moral e econômica das nações, a imprensa é ainda um dos mais valiosos factores que agem na organização dos elementos básicos dessas instituições ... A imprensa é um poder sobrehumano que vence todos os obstáculos, destroe os mais sólidos edificios e levanta os ânimos abatidos transformando-os em energias robustas e benéficas. Ah! A imprensa! Como sua importância está longe de ser comprehendida! (*A Notícia*, 1927)

Entre os intelectuais que buscaram divulgar os saberes científicos produzidos pela cultura ocidental na imprensa regional, perscrutar e ao mesmo tem-

po civilizar a heterogênea população da Alta Araraquarense por intermédio dos jornais, sem dúvida imperava a figura emblemática do médico carioca Floriano de Lemos, personagem quase onipresente na vida cultural da região na década de 1920.

FLORIANO DE LEMOS: UM INTELCTUAL EM MOVIMENTO

Assim como a franja pioneira paulista das décadas de 1920 e 1930 analisada por Monbeig, e assim como os impressos regionais nos quais escrevia quase diariamente, Floriano de Lemos pode ser identificado como um intelectual *em movimento*. “Sertão e viagens, estas vistas como expedições civilizatórias, são termos que se interpenetram”, afirmou Lima⁸ acerca das famosas expedições capitaneadas por Rondon ou pelos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz nas primeiras décadas republicanas pelo interior do país.

Floriano não fez parte de tais expedições, mas assim como seus pares de primeira grandeza no cenário nacional se movimentou pelos sertões de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais ora como inspetor sanitário federal, ora como professor de grupos escolares, ginásios, escolas técnicas ou faculdades, ora como homem letrado e, ininterruptamente, como médico e jornalista.⁹

No estado de São Paulo, entre 1926 e 1930, em plena efervescência vivenciada na Araraquarense, Floriano de Lemos fixou residência em Mirassol e em São José do Rio Preto, reconhecida à época como *boca do sertão* pelo fato de ser a última parada aonde chegavam os trilhos da estrada de ferro. Lá, teve uma curta, porém significativa atuação pública, principalmente como colaborador dos jornais locais.

Nascido em 1885 na capital política e cultural do Brasil, o cronista dos impressos estava inserido no mesmo caldo cultural que formou os primeiros intelectuais-cientistas republicanos. Valores ligados ao cientificismo, ao evolucionismo de vertente spenceriana e ao positivismo heterodoxo eram recorrentes em seu repertório, assim como no de seus pares. Acima de tudo, ele partilhava com aquele grupo o sentimento de estar cumprindo uma “missão” no espaço público ao esclarecer as pessoas que viviam afastadas das capitais sobre os preceitos médicos, higiênicos e morais que deveriam ser compartilhados por todos os cidadãos, independentemente da classe social.

A análise sobre a peculiar evolução da raça brasileira ocorrida na região da Araraquarense revela muito sobre as concepções evolucionistas do autor. Segundo ele, o mundo moderno estimulava – às vezes de maneira perversa, conforme acreditava – a rápida evolução da população local. Luz elétrica, capita-

lismo e luta de classes embaralhadas ao calor e à poeira do *far west* estariam produzindo crianças “nervosas” e também geniais, “neurastênicas”, porém igualmente inteligentes. “Já se disse, com alguma propriedade, que o genio confina com a loucura: todo individuo muito intelligente tem sempre qualquer cousa de desequilibrado”, afirmava em primeira página de *A Noticia*, no ano de 1926 – e explicitava as possíveis causas dessa estranha condição das crianças da região.

A razão local é esta: a criança reflecte o meio. Esta cidade desenvolveu-se sob o choque de lutas encarniçadas, travadas em todas as esferas e movidas pela necessidade, pelo interesse, pelo desejo incoercível de progredir. O estado tensis-simo de nervos em que se encontravam os paes havia, por força, de influir na saúde dos filhos nascidos por essa ocasião. Outra causa, esta geral, reside no seguinte: a humanidade toda parece que vive agora presa de febre e convulsões. Raro o sujeito que encontramos na rua e que tem cara de normal e tranquillo, de satisfeito da vida ...

É verdade que há um grande progresso espiritual da espécie, dentro da referida degeneração ... É factó de observação vulgar que os meninos de hoje, ao vencerem o seu primeiro anno de idade, já fazem precocemente aquillo que era próprio de petizes muito mais taludos. Dizem as avosinhas que no tempo dellas os bebês só abriam os olhos depois de uma semana ou duas de nascidos; sabemos que hoje em dia, ainda presos pelo cordão umbilical, encaram serenamente a luz elétrica do quarto. No terreno pediátrico, os médicos registram diariamente anomalias nervosas: o infante sustenta a cabeça sobre o pescoço muito antes do terceiro mez, o que é prova positiva de um adiantamento nervoso lastimável.

Partindo do pressuposto de que os intelectuais são “produtores culturais que se investem de responsabilidades na vida social”, que se apresentaram historicamente como “tutores da verdade e da objetividade, expoentes das respectivas especializações” e como “depositários dos valores culturais universais”,¹⁰ Floriano de Lemos é aqui percebido como um “homem do cultural” que se articulou aos grupos de letrados de seu tempo, empregando a escrita – sobretudo na imprensa de pequena ou grande circulação – como principal canal de expressão de ideias e como ferramenta de convencimento *do outro*.

Como não era raro entre os letrados de sua geração, ele procurou educar a população brasileira utilizando-se de espaços institucionalizados e claramente destinados a esse fim, como era o caso dos grupos escolares, das escolas técnicas e normais e das faculdades onde foi professor. Mas no caso do tempo

em que viveu na Alta Araraquarense, e a despeito de ter sido um dos idealizadores do elitizado Ginásio S. Joaquim de São José do Rio Preto, para onde acorriam os filhos da aristocracia local, sem dúvida sua cruzada educativa se deu, especialmente, por intermédio da ocupação das primeiras páginas dos jornais *A Notícia* e *O Município*. Neste último, além de ter sido colaborador assíduo, foi também redator-chefe ao longo do ano de 1929.

Muito bem relacionado com as elites locais, valorizou ao máximo o inequívoco capital simbólico que detinha e que não se furtava em apresentar: oriundo do Rio de Janeiro, foi correspondente do respeitado jornal *Correio da Manhã*, além de professor da Faculdade de Medicina. Também era um exímio conhecedor/participante da vida cultural da capital, tendo experimentado *in loco* a vida nas principais cidades europeias.

Por tudo isso Floriano foi celebrado como verdadeiro sopro de modernidade que chegava a plagas tão distantes das capitais.¹¹ Era com um misto de alegria e provincianismo que *O Município*, órgão subvencionado pelo Partido Republicano Paulista, anunciava em primeira página a sua chegada. Da mesma maneira *A Notícia* alardeava o fato de tê-lo como colaborador, enaltecendo publicamente a sua figura.

Installando o seu consultório clínico nesta cidade acaba de transferir a sua residência de Mirasol para Rio Preto o snr. Floriano de Lemos. Brilhante jornalista, entra a fazer parte do quadro dos nossos colaboradores, emprestando assim ao nosso jornal o brilho de sua penna fulgurante. (*O Município*, 1926)

Faz annos hoje o Sr. Dr. Floriano de Lemos, illustre homem de letras, talentoso orador official da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto e acatado especialista em moléstias de crianças.

O anniversariante de hoje que possui uma optima clinica infantil em a nossa cidade é sem favor um medico muito culto, muito estudioso e na sua especialidade tem alcançado grandes triunphos.

“A Notícia” que o conta na lista dos seus melhores e mais apreciados colaboradores, sente-se feliz em vir publicamente felicital-o. (*A Notícia*, 1926)

Os anúncios da chegada do médico à Araraquarense no ano de 1926, publicados nos impressos *O Município* e *A Notícia*, destacavam seu vasto currículo, sua especialização em puericultura e “doenças de senhoras” e também sua verve de conferencista. Rapidamente as preleções sobre música, poesia, saúde, patriotismo e diversos outros assuntos, feitas pelo jornalista, passaram

a ser noticiadas em primeira página pelos impressos do sertão paulista.

As conferências ou preleções consistiam numa prática muito comum aos letrados brasileiros da virada do século XIX para o XX. Pode-se mesmo afirmar que elas se tornaram moda no Rio de Janeiro daqueles tempos, em consonância com o que ocorria nas capitais europeias, sobretudo em Paris. Além de serem espaços de sociabilidade entre pares, eram também tidas pelos letrados de então como forma de educar o público ouvinte em relação aos assuntos literários e científicos em evidência.¹²



Figura 1 – O Município, 1926.



Figura 2 – A Notícia, 1926.

Destaca-se que a “penna fulgurante” de Lemos não era uma tão somente “penna diletante”. Apesar de médico conceituado, esse intelectual, como colaborador dos impressos, recebia um ordenado fixo para publicar diariamente seus textos em *A Notícia* e em *O Município*, o que era, aliás, prática comum entre os letrados de seu tempo. Conforme indicou Maria de Lourdes Eleutério,¹³ Coelho Netto, Monteiro Lobato, Olavo Bilac e tantos outros letrados recebiam um salário mensal pelas suas colaborações na imprensa nacional.¹⁴

Nas páginas daqueles jornais o autor se ocupava em dar publicidade às descobertas científicas que fazia em relação à fauna e à flora brasileiras, assim como em relação às diferentes regiões do país visitadas por ele. Discutia as disparidades regionais do tipo nacional, particularmente das crianças. Enquanto os pequenos mineiros de Caxambu, por exemplo, viviam num verdadeiro paraíso infantil em função da qualidade do meio favorável ao seu desenvolvimento físico e moral, em sua opinião os paulistas da Alta Araraquarense, como vimos, eram tidos como “degenerados” e “neurastênicos” graças ao diferente tipo de colonização, do solo, do clima e principalmente do “estado de espírito” dos pais.

Quem já viu o Parque das Aguas em Caxambu, regorjitando de petizes como um viveiro encantado e um grande jardim, onde gaza¹⁵ a humanidade na sua fase de pássaro e flor, sente uma pena infinita dos meninos e meninas que nunca conheceram as delícias tão próprias daquelle éden infantil. (*O Município*, 1928)

Observador atento dos costumes e da fala do “homem simples”, “do anal-fabeto” ou “do homem chucro”, ou seja, daqueles que sequer imaginavam o significado do verbo *regurgitar*, vez ou outra refletia sobre as variações linguísticas que identificava nos diferentes grupos sociais que compunham a sociedade brasileira – e que possivelmente teriam dificuldade em reconhecer o tom parnasiano de seus escritos. Num claro movimento de aproximação e de distanciamento em relação ao *outro*, revela-se o viés antropológico de seu olhar:

São Paulo tem, no seu vocabulário regional, alguma coisa interessante. Esta expressão, por exemplo, é muito curiosa:

— *De a meia.*

Ou suas análogas:

— *De a pé; de à cavallo...*

Note-se: não só o analfabeto, o colono mais ou menos chucro, que emprega as duas preposições de uma vez. Todo o povo, em geral, constrói assim a phrase,

no Oeste de S. Paulo. Há dias, falava-me um senhor bastante educado e que exerce um cargo de certa responsabilidade social:

— Demorei-me porque não havia *machina*. Tive que vir *de a pé*.

Machina: eis ahí uma outra coisa inteiramente local. Ninguém diz, nesse mesmo Oeste, auto ou automóvel, carro ou taxi; diz *machina*. Ao chegar à casa do cliente, perguntam-se:

— Dr. trouxe a *machina*?

Em Matto Grosso já me fizeram uma vez essa interrogação, mas queria significar: “trouxe a seringa de fazer injeções?”. Em São Paulo a expressão diz respeito ao automóvel. (*A Notícia*, 1928)

Os apontamentos de Floriano de Lemos sobre os variados significados da palavra “*machina*” observados em diferentes pontos do território nacional expõem o quanto estas ainda eram algo extraordinário no cotidiano das pessoas, quer estivessem em São Paulo, onde perguntavam se havia trazido “a *machina*”, ou seja, o admirável automóvel, quer estivessem em Mato Grosso, onde a “*machina*” era, afinal, uma seringa, ou seja, um artefato possivelmente tão inédito para determinados grupos sociais quanto os carros para parte dos paulistas.

Entre uma reflexão antropológica e outra, entre observações sobre diferentes usos da língua portuguesa, e num tempo em que as ciências e as artes estavam em processo de forte institucionalização no Brasil, Lemos marcou seu espaço de atuação: fundou agremiações culturais e científicas, visando congregar colegas de ofício e ordenar a prática médica. Esse é o caso, por exemplo, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto, entidade que, ao longo das décadas de 1920 e 1930, desempenhou importante papel na idealização e execução de políticas sanitárias regionais. Além de ter sido um polo respeitável de interlocução entre os médicos residentes na Alta Araraquarense e em outros lugares, a Sociedade publicava na íntegra os mais importantes discursos proferidos nas sessões solenes nos impressos *A Notícia* e *O Município*.

No discurso de fundação da Sociedade, Floriano proclamava ao mesmo tempo uma profissão de fé singular e coletiva. Uma profissão de fé que representava o *ethos* de toda uma geração de intelectuais, conforme demonstraram Oliveira,¹⁶ Hershmann e Pereira¹⁷ e Luca,¹⁸ dentre outros. A essência do discurso girava em torno do trabalho colossal a ser desempenhado pelo seu grupo na reconstrução do Brasil.

O medico é actualmente um profissional que necessita um preparo vastíssimo de ciencias, ao lado de uma insofrida capacidade de trabalho. Não lhe é só pre-

ciso saber tudo, desde os *mysterios physiologicos* do corpo até às incógnitas *psychologicas* do character; é preciso ainda fazer tudo, catechisar o doente para que se trate, insistir junto aos governos para que realizem e apóiem as grandes cruzadas *prophylaticas*. No seu ministério em prol do bem-estar alheio, o medico tem que se servir de todas as armas de acção pratica: o esforço pessoal, o pedido, a propaganda pela imprensa, a luta diuturna e continua junto ao doente, a discussão nas academias e sociedades scientificas como a que acabamos de fundar. É um nunca acabar de exhaustivos trabalhos. Assim, costumo dizer que a primeira condição para ser medico é ter saude. A saude é ter coragem. (*A Noticia*, 1926)

Oliveira (1990; 1997) se refere a tal processo de atuação na vida pública vivenciado pelos intelectuais de todas as estirpes e diferentes graus de consagração como um verdadeiro combate coletivo deflagrado por eles nas primeiras décadas do século XX, visando à modernização do país. Esses homens da cultura – cuja *performance* no espaço público esteve estreitamente relacionada ao jornalismo – eram atravessados por uma autoavaliação extremamente positiva ligada aos seus dotes de espírito e inteligência, e também por grande vontade de poder, real ou simbólico. Buscaram justificar suas obras e ações políticas com a confiança na imagem de portadores das respostas para os anseios da sociedade em geral, já que criam ter a obrigação de cumprir uma missão civilizatória, da qual não se podiam furtar. Luca (1996, p.7) indica a esse respeito que

Assim a elite intelectual tem se apresentado, em diferentes momentos, investida da missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar as suas linhas de força para o futuro. O credenciamento para a tarefa proviria de sua suposta qualificação para desvendar as regras de funcionamento do social e desse modo formular, a partir de dados e critérios objetivos, políticas de ação. Esse direito sempre lhe pareceu algo evidente e que dispensava qualquer tentativa de justificação.

Interessante notar que Floriano ainda atuou fora dos grandes centros como músico, poeta, autor de peças teatrais e conferencista, como observado no anúncio de sua chegada. Publicou algumas dezenas de livros de medicina, de contos e de poesia e ainda participou ativamente dos primórdios dos programas de rádio, voltados para o público infantil, o que era uma grande novidade na década de 1930. A propaganda revestida de notícia publicada em *A Noticia*, no ano de 1926, revela sua face de artista e empresário da cultura.

Terça-feira próxima iremos ter no Eden Parque, um espectáculo encantador, já tão ansiosamente esperado entre nós. Trata-se da representação da revista em 2 actos intitulada “O mysterio de Rio Preto” da autoria do talentoso homem das letras dr. Floriano de Lemos. Para isso entrou o dr. Floriano de Lemos em negociações com a Companhia de Comedias Alvaro Fonseca, que ora trabalha no Eden, ficando portanto confiada a representação da revista, ao estupendo conjunto que forma a companhia, de que é ensaiador o conhecido actor cômico Alvaro Fonseca.

Sobre “O Mysterio de Rio Preto” não é preciso dizer nada, é o bastante o nome do autor. E quanto ao desempenho, este será optimo, dado o valor artistico do conjunto que ora nos visita. Teremos, portanto, na noite de terça-feira um espectáculo encantador; e tratando-se de uma revista puramente local o Eden será pequeno para comportar os que para lá irão, assistir a um espectáculo, pode se dizer, inédito para esta cidade. (*A Noticia*, 1926)



Figura 3 – Num tempo em que as fotografias ainda eram muito raras nos impressos da Araraquarense e publicadas apenas em datas comemorativas ou em edições especiais de final de ano, Floriano de Lemos era figura garantida entre as personalidades retratadas (*O Municipio*, 1926). Na legenda, epítetos que rotineiramente eram ligados à sua figura: “consagrado”, “primoroso” e “brilhante”, entre outros.

Vale destacar que o autor traz, assim como seus contemporâneos e colegas de maior projeção, como Belisário Penna, Roquette Pinto e Afrânio Peixoto, o que Wegner¹⁹ chamou recentemente de “marca comum à sua geração”, ou seja, o fato de aquela ser “menos caracterizada por uma especialização do que por uma formação erudita”. Tal característica geracional também correspondeu a “um grande número de intelectuais engajados diretamente na vida pública e com formação marcada pela erudição, de marca autodidata, ainda que iniciada nas escolas de medicina, direito ou engenharia”.

Porém, Lemos também se encaixa nas distinções que Miceli²⁰ identificou em relação aos “intelectuais polígrafos” ou “anatolianos”, quais sejam:

a) o fato de estes terem sido assimilados pela nova ordem política que se instaurou com a República, o que possibilitou a obtenção inegável de sucesso de público em relação às suas publicações e de prestígio pessoal;

b) a prática de versarem sobre temas diversos ora em conferências, ora em livros, ora em jornais;

c) a sorte de terem sido alçados ao posto de “guias” do gosto do público urbano de seu tempo por intermédio de sua fala autorizada, principalmente por meio da atuação nos impressos;

d) a má sorte de terem sido, com raras exceções, designados posteriormente como “pré-modernistas” por aqueles que foram alçados aos postos de comando com a revolução de 1930 e de terem passado, conforme identificou Miceli (2001), “a vala comum sem direito a nome próprio”.

A respeito dos intelectuais anatolianos/polígrafos, o autor (2001, p.54) afirma ainda que se tratava de

um novo tipo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino primário etc.

No que diz respeito especificamente ao personagem em questão, sem dúvida que é na sua atuação sistemática como jornalista ou colaborador em impressos de pequena, média ou grande circulação que reside não apenas o seu legado mais significativo, perene e ainda pouco estudado, mas também a sua *hexis*, sua aptidão ou modo de presença de intelectual polígrafo.

Teria sido uma espécie de dândi moderno, na acepção de busca de elegância de estilo, convergente ao especial apreço pelos temas mundanos, não fora um sujeito marcado pelas contradições de um tempo, sentidas e expressas por meio da “pena jornalística”. Nos tempos de São José do Rio Preto, versava sempre em primeira página sobre o necessário embelezamento das ruas, das pessoas, dos jardins e das vitrines, passando pelas crônicas sobre as (muitas) festas, peças teatrais e saraus que ocorriam nas capitais do Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, e as (poucas) que aconteciam no que ele designava como *hinterland* ou *far West*, numa clara alusão ao fenômeno de desbravamento/civilização de terras que ocorria nos Estados Unidos.

Com indisfarçável melancolia, criticava a falta de educação dos próprios pares, que eram, segundo ele, incapazes de prestigiar os raros espetáculos destinados às “belas artes”, os quais ocorriam na região; no entanto, os companheiros eram, segundo Lemos, fãs “do mais mambembe dos circos”, coisa para o “populacho” que se acotovelava em tendas.

O mal é o seguinte: o desinteresse que parece de facto existir pelos visitantes que aportam a Rio Preto com o fim de exhibir seus trabalhos de arte, seus recursos de teatro, suas habilidades literárias. Enquanto que o mais mambembe dos circos se enche à cunha, sempre que arma a sua tenda num canto da cidade, é difícilimo para um pianista, para um cantor ou poeta achar publico e sala onde dê com êxito um concerto ou audição. O facto não seria extranhável si Rio Preto não possuísse centenas de homens formados – e seja dito com justiça, sem lisonja – espíritos de cultura bastante acima do commum, em centros do interior do paiz. (*O Município*, 1928)

Quem sabe os interlocutores locais de Floriano de Lemos não fossem tão *civilizados* quanto ele imaginava. Quem sabe o seletto grupo de letrados com o qual ele partilhava a experiência no *sertão* não fosse tão coeso e articulado quanto ele gostaria. Sem dúvida as noites no *hinterland* nem de longe se assemelhavam àquelas vividas por ele na boemia carioca.

De posse de uma fita métrica erigida na *belle époque* do Rio de Janeiro, o autor pouco encontrava para medir no *sertão* paulista. Onde estavam os cafés, os bares e o contínuo murmurinho da vida experimentada ou idealizada no Rio? Dividido entre a tarefa civilizatória a ser empreendida e o *desertão* cultural cotidiano, Floriano de Lemos lamentava publicamente a ausência de interlocutores. Desencantado tanto em meio às utopias de regeneração nacional, como diante da realidade ambígua que encontrava no dia a dia, nosso perso-

nagem se preparava para seguir adiante e deixar a Araraquarense definitivamente para trás – o que de fato aconteceria no início de 1930.

Em meio a uma crise econômica internacional (a crise de 1929); a uma crise política nacional (a revolução de 1930) e a crises pessoais de toda ordem (falência do ginásio que fundou em Rio Preto; ao rompimento com o grupo do jornal *A Notícia*, que se alinhou ao Partido Democrático; ao fechamento d'*O Município*, órgão oficial do Partido Republicano Paulista, e a desentendimentos com diversos membros da Sociedade de Medicina), Lemos fez as malas e voltou definitivamente para o Rio de Janeiro.

Nessa cidade seus escritos posteriores, publicados no *Correio da Manhã*, tiveram grande acolhida do público. Sua coluna científica, destinada especialmente aos assuntos médicos, perdurou até o ano de 1965. Não obstante, nesse espaço do jornal, vez ou outra publicava artigos memorialísticos, versando sobre seus tempos de médico civilizador do *sertão* paulista. Ao que parece, o novo público apreciava os relatos desse descobridor/educador/viajante, que percorreu o Brasil com olhos curiosos. Floriano de Lemos verdadeiramente se aventurou por caminhos em estado de abertura, num país que se agigantava e que se dava a conhecer.

NOTAS

¹ Este artigo é resultado parcial da pesquisa *Um educador viajante: estudo sobre a atuação do intelectual Floriano de Lemos na imprensa brasileira (1906-1965)*, financiada pelo CNPq e pela Fapemig.

² MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1984.

³ CAMPOS, Raquel Discini de. *A “princesa do sertão” na modernidade republicana: urbanidade, imprensa e educação na Rio Preto dos anos de 1920*. São Paulo: Annablume, 2004; _____. *Mulheres e crianças na imprensa paulista: educação e história*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

⁴ FIGUERÔA, Sílvia. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional (1875-1934)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁵ PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Uma cidade chamada Petit Paris: as transformações e crises urbanas de Ribeirão Preto no auge da cultura cafeeira (1890-1916). *Temas & Matizes*, Cascavel (PR), n.6, p.94-99, ago. 2004.

⁶ ALMEIDA, Antonio Tavares. *Oeste paulista: a experiência etnográfica e cultural*. Rio de Janeiro: Alba, 1943, p.15. Optamos por manter, nas citações dos jornais, a grafia original.

⁷ Ambos os jornais, em sua origem, estiveram ligados ao Partido Republicano Paulista,

agremiação que até a década de 1930 controlou a política regional. No entanto, em 1928, os redatores de *A Notícia* romperam com o partido e buscaram, a partir de então, manter o impresso aparentemente distante do poder municipal. Independentemente das diferenças políticas entre os idealizadores dos impressos, é fato que eles partilhavam das mesmas metas intelectuais e éticas dos “educadores” do sertão: médicos, advogados, professores, engenheiros e outros letrados que buscavam pairar acima dos interesses cotidianos relacionados à política (CAMPOS, 2004).

⁸ LIMA, Nísia Trindade. Um sertão chamado Brasil. Rio de Janeiro: Revan; Iuperj, 1999, p.67.

⁹ Em 1930 Floriano de Lemos voltou para o Rio de Janeiro, onde viveu até a sua morte, em 1965.

¹⁰ KUHLMANN, Moysés. Os intelectuais na educação da infância. In: _____. *A educação e seus sujeitos na História*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007, p.109; BONTEMPI, Bruno. Roldão Lopes de Barros: um intelectual? In: _____. *A educação e seus sujeitos na História*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

¹¹ O jornal *Correio da Manhã* foi um dos impressos brasileiros de maior visibilidade no século XX. Fundado em 1901 no Rio de Janeiro por Edmundo Bittencourt – grande amigo de Lemos –, circulou até 1974, quando encerrou suas atividades após a prisão de seus redatores pelo regime militar. Entre seus colaboradores constam nomes como Lima Barreto, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Otto Maria Carpeaux.

¹² CARVALHO, José Murilo de. As conferências radicais do Rio de Janeiro: novo espaço de debate. In: _____. (Org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; CARULA, Karoline. As Conferências Populares da Glória e a difusão da ciência. *Alm. braz.* [online], 2007. Disponível em: www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/alb/n6/a07n6.pdf; acesso em: 1 jul. 2010.

¹³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: LUCA; MARTINS. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁴ Segundo informações concedidas por Maria de Lurdes Lemos, filha caçula de Floriano de Lemos (em entrevista realizada em 23 fev. 2010), o pai substituiu o amigo Coelho Netto na redação do *Correio da Manhã*.

¹⁵ Possivelmente o autor quis dizer *grassa a humanidade* ao invés de *gaza a humanidade*.

¹⁶ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990; _____. Questão nacional na Primeira República. In: LORENZO, H. C.; COSTA, W. P. (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

¹⁷ HERSCHMAN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹⁸ LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP. São Paulo, 1996.

¹⁹ WEGNER, Robert. Prefácio. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Org.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, p.10.

²⁰ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.